A SAGA DE KYLAH

E A PROFECIA DO FIM DO MUNDO

SALLY MAZAY

A SAGA DE KYLAH

E A PROFECIA DO FIM DO MUNDO

1

partners coerência

Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2022
Copyright © Sally Mazay, 2016

Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

DIREÇÃO EDITORIAL
Lilian Vaccaro

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Bianca Gulim

ASSISTÊNCIA EDITORIAL
Raquel Escobar

PRODUÇÃO GRÁFICA
Giovanna Vaccaro

CAPA
Mirella Santana

DIAGRAMAÇÃO
Michael Vasconcelos

MODELO DE CAPA
Gabrielé Sidabraité

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Mazay, Sally
A saga de Kylah e a profecia do fim do mundo / Sally Mazay – 2ª edição – São Paulo: Coerência, 2022

ISBN: 978-85-5327-106-1

1. Ficção brasileira 2. Fantasia I. Título

CDD: 869.3

Grupo Editorial coerência

partners coerência

Rua Coronel Leme, 43
Centro | Bragança Paulista | SP
12.900-340
www.editoracoerencia.com.br

AGRADECIMENTOS

Ao meu marido por ter me proporcionado a chance de começar e concluir este trabalho em meu próprio tempo. Com você, descobri o que é encontrar a alma gêmea, um amor maior que o mundo, infinito como as constelações. Um amor que é luz sempre, em todos os instantes, que ilumina os momentos mais escuros, como as estrelas numa noite de inverno. Você que permitiu que eu soubesse como escrever sobre algo tão forte, que transcende a compreensão humana. Não importa quantas eras se passem, quantos mundos percorreremos, você é meu lar e sempre o encontrarei. Porque você é minha metade e também é eu inteira.

Ao meu irmão e colaborador da obra. Sem você jamais teria conseguido levar um simples sonho tão longe. Obrigada por todas as ideias e longas conversas, por conhecer meus personagens como se fossem uma extensão de mim; por se importar, mesmo quando parecia um sonho impossível. Somos de mundos diferentes e ainda assim sempre tivemos uma sintonia única, uma linha que permitiu que tivéssemos tudo em comum, que você mergulhasse no meu mundo e o compreendesse; e fizesse parte dele.

À minha mãe por ter me apoiado em todos os momentos desta longa jornada. Você viveu cada detalhe como se fosse parte da história dela também. Minha melhor amiga, que me ensinou desde cedo o que é um amor sobrenatural, que foi minha primeira alma gêmea e sempre será vital na minha vida. Sou apenas a sua continuação, uma extensão sem emendas, natural. Você me entende melhor do que eu mesma. Nunca preciso me explicar, porque você entende. Simplesmente entende.

Ao meu pai por sempre ter acreditado em mim, mesmo quando eu mesma não acreditava. Você viu potencial e me impulsionou a ir mais longe, sem dúvidas de que eu poderia alcançar o impossível. Esteve presente em cada instante da minha vida. Obrigada por sempre ver o melhor em mim, em tudo. Por ter sorrisos no rosto quando lágrimas corriam por trás, por ter esperança quando tudo parecia perdido. Você é um exemplo.

PRÓLOGO

A fortaleza fora abatida, tombando estrondosamente, sem que houvesse qualquer possibilidade de salvá-la. O condado, nunca antes frio, tinha agora árvores congeladas partidas ao meio. Fogo tomava as casas. Montanhas de terra subiam e desciam. Ventos de todos os lados. Finalmente a profecia trouxera todo o terror à tona. Demorara apenas quatro primaveras para que os caídos descobrissem o terrível acontecimento. A guerra se intensificara a ponto de não haver na Terra da Luz um local seguro. Ouviam-se prantos ecoando por toda parte. O desespero prevalecia, dominando a todos. Sangue manchava as mãos dos dois povos.

Sirana corria em direção ao único portal que poderia abrir com seu talismã. Se salvasse a criança, seria punida; se não por um povo, por outro. Escondê-la e desaparecer era a única chance para salvar Syllaf da ira das duas raças. Seu destino já estava selado. A única maneira de protegê-la seria enviando-a para a Terra, e Sirana sabia que seus poderes de fada não eram suficientes para resguardar a menina.

Ela corria apressada, sua túnica cinza se fundindo com a fumaça. Logo, até o último portal seria fechado; ninguém poderia desconfiar de seu plano. Talvez acreditassem ter perdido a criança durante a guerra, ou até que fora assassinada. Enquanto fazia a travessia, invocava o feitiço. "Ar, Terra, Fogo e Água, eu os invoco e peço o seu poder. Espírito supremo, pare o tempo. Que não mais haja presente, futuro ou passado. Ar, Terra, Fogo e Água, eu os invoco e peço o seu poder..." Em sua língua élfica, com sussurros cantados, como numa canção de ninar, ela pedia ajuda a todos os elementos. Rogando por feitiços para salvar aquela pobre alma, já tão cedo condenada.

I

Gritos de desespero se faziam ouvir à minha volta. O frio avançava por toda parte, numa nuvem de gelo que congelava tudo. Eu chorava, encolhida num canto. O terror estampado nos olhos daquele homem, e eu não podia ver seu rosto... De repente um vulto à minha frente me fez entrar em pânico, asas negras me envolvendo. Tentei gritar, mas nenhum som saía. Gritos mudos. Sem notar como isso acontecera, eu estava coberta de sangue, com o vulto caído aos meus pés. Meu choro ecoava alto por todo o lugar.

Abri os olhos. O vento uivando lá fora dificultava minha concentração. Estava encharcada de suor. Mais uma vez o mesmo sonho, sempre me aterrorizando de novo e de novo. Desde pequena, desde que me lembro de sonhar, a morte vem me buscar. Olhei para o despertador: ainda era madrugada.

Eu sabia que não poderia dormir de novo... Não conseguiria. Então decidi me levantar. Mesmo vestindo apenas minha camiseta grande demais, que fazia as vezes de uma camisola, fui caminhar no jardim. Nossa casa tinha um jardim enorme, e era até possível se perder dentro dele. Não para mim, eu o conhecia bem demais. Sabia onde estava cada pedra, cada flor, cada árvore. Mesmo na escuridão da noite, era fácil andar por ali, já que tantas foram as vezes que precisara sair do quarto claustrofóbico para me acalmar. Esses pesadelos me atormentavam quase toda noite, e, embora nos meus sonhos a escuridão fosse aterrorizante, quando eu enfim conseguia acordar, a única coisa que me apaziguava era estar sozinha no jardim, apenas com a luz das estrelas.

Eu caminhava e malmente podia escutar o ruído dos meus passos; ouvia apenas o vento soprando sua música, o farfalhar das folhas das árvores

balançando, a melodia ritmada da água do pequeno lago. A névoa me acariciava com um toque úmido e frio, a noite tinha um quê quase sinistro. Mesmo amedrontada, sentia-me mais segura em meio à natureza. Havia uma lagoa artificial no jardim — não tão funda ou grande quanto eu gostaria, mas era meu lugar preferido —, e uma modesta cascata no centro com vários arbustos e pedras em volta. Por isso que era o meu lugar predileto. Apesar de não ser natural, como deveria, era um local lindo. E de noite ninguém podia me ver lá; aquele era o meu esconderijo. Chegando em frente ao local, tirei a camiseta e fui deslizando devagar para dentro da lagoa.

Deixei sua água gelada me congelar, acalmar... Logo todo aquele frio não mais me importava e, em vez de me agredir, tornava-se agradável. Quente e ao mesmo tempo gélido. Quando fiquei submersa por inteiro, escutando apenas os sons da água, senti-me protegida. Envolvida por todos os lados pela sua fluidez, tentando me invadir sem cessar. Com suas ondas suaves brincando com meus cabelos, totalmente sozinha, em outro lugar... Um lugar seguro, onde ninguém me assustaria. Então subi devagar para a superfície, enchendo os pulmões de ar outra vez. Aquela sensação era única.

Mirei o céu, iluminado pelas estrelas: a lua era apenas um risco curvo e fino. Sempre sentira um fascínio pelos astros, perguntando-me o que existiria além deles. A imensidão escura e sem fim me fazia esquecer de tudo e então eu me sentia em paz. Fiquei por muito tempo olhando para cima, pensando nos meus sonhos confusos e cheios de temores. Não podia compreender... Por que esses estranhos pesadelos me atormentavam tanto? Decidi nadar até a margem. Deitei-me em uma pedra, que ficava abaixo da superfície, e assim mantive meu corpo embaixo da água e o rosto encostado na superfície, parcialmente submersa. Eu estava arrepiada e tremendo de frio. Parecia que meus ossos tinham congelado. Mas meus medos, aos poucos, iam desvanecendo. E sem nem mesmo perceber, adormeci.

O início 1

Passado

Estados Unidos, Oregon, Portland, 1998. Eu tinha cinco anos e passeava com a minha mãe pelos "Japanese Gardens"; estava adorando o parque. Embora já tivesse visto muitos parques e jardins, esse era sem dúvida um dos mais bonitos. Estava me divertindo muito.

Às vezes parecia que ela não me compreendia, que não conseguia entender o meu jeito ou as coisas que eu pensava. Mesmo assim, eu sabia que ela tentava de todo coração me agradar. Ela tinha tanta paciência comigo... E de certa forma isso me fazia me sentir muito grata. Como se eu me sentisse estranha, como se percebesse o quanto era difícil para alguém me entender. Mas a mamãe... Ela me amava, mesmo eu não merecendo. Eu sabia que ela me amava, podia sentir. E isso era um alívio sempre que eu pensava que era diferente demais para que alguém gostasse de mim.

Queria tanto ser como ela, tão linda, tão doce. Seus cabelos loiros-mel, sua pele dourada, seus olhos verdes sempre faiscando... Ela era tão bonita e animada, sempre simpática e ativa; as pessoas logo gostavam dela. No entanto, eu sabia que não era assim. Não saberia explicar por que, mas... eu não era daquele jeito, e isso me perturbava.

Mamãe sabia que eu amava parques, a sensação de estar no meio da natureza era deliciosa. E pelo menos isso nós tínhamos em comum. Meus pais gostavam muito de estar ao ar livre. Nós quase não conversávamos. Eu não gostava de falar muito, porém adorava esses momentos, quando eu e minha mãe passeávamos, sem ter a menor obrigação ou constrangimento por estarmos em silêncio.

— Espere aqui um pouco, Kylah. A mamãe só precisa atender o celular, ok?

Seus longos cabelos caíam numa cascata ondulada enquanto ela se agachava para fitar meus olhos.

— Está bem, mamãe.

— Não saia daí.

Anuí. Ela se afastou um pouco, mas eu podia vê-la discutindo no celular. Estava nervosa, o que era muito difícil de acontecer. Eu não conseguia entender o motivo. Observava-a pensando no quanto ela era bonita. E então, de repente, uma mulher se aproximou de mim. Mamãe estava ocupada no celular e já nem olhava mais para mim. Mesmo ela parecendo boa, eu estava receosa; não deveria falar com estranhos.

— Kylah — a mulher disse. — Está gostando daqui? — Eu não sabia se deveria responder. Ela parecia uma boa pessoa e era bonita, porém aquilo parecia perigoso. Então apenas fiz sinal positivo. — A sua mãe deve tê-la ensinado a não falar com

estranhos. — Eu fiz que sim outra vez, agora já duvidando que aqueles olhos bondosos e estranhamente violetas pudessem me fazer algum mal. — Sabe, eu tinha uma... — Ela fez uma pausa, pensativa. — Tinha uma filha igualzinha a você. Da mesma idade e tudo mais.

Eu sorri. Com certeza ela era boazinha.

— O que aconteceu com ela?

— É complicado de explicar. Você me lembra tanto ela.

Permaneci calada. Então percebi que ela começou a mexer em sua bolsa, procurando por alguma coisa. Eu estava apreensiva. Mamãe não iria gostar de saber que eu falava com uma estranha, mesmo ela sendo boazinha. Mas essa mulher era tão bonita! Sem entender o motivo, não conseguia parar de olhá-la. Parecia ser um pouco mais velha que a minha mãe, e ainda era linda. Estava torcendo para que mamãe não visse; assim, se eu não contasse, não precisaria explicar nada.

— Hum... Achei! — Encarei-a sem entender. — É um presentinho! Eu queria dar para a minha filha... Já que não a verei de novo, quero que seja seu.

Ela estendeu a mão delicada em minha direção.

Pensei um pouco a respeito, chegando à conclusão de que não haveria mal nenhum em aceitar. Afinal, era só um presente. Estendi minha mão também e ela deixou cair uma pequena bolinha dourada bem no meio da minha palma. No centro, havia um cristal transparente que refletia todas as cores do arco-íris. Era muito bonito, e parecia valioso.

— Agora escute com atenção, Kylah. Esse é o meu tesouro. É muito importante para mim, e quem sabe um dia seja para você também. Guarde com cuidado.

— Tudo bem — respondi com inocência.

— E não se esqueça, esse é o nosso segredo. Jamais conte para ninguém sobre esse cristal.

Acenei lentamente com a cabeça, sem saber se deveria mesmo ter aceitado aquela oferta. Olhei para a pequena bolinha dourada, pensando por que ela seria um tesouro tão secreto. Contudo, quando peguei ar para perguntar, vi que a encantadora mulher já tinha desaparecido. Deveria ter ido embora durante o tempo em que eu examinava minha pequena preciosidade. Então olhei em direção ao lugar em que minha mãe estava e naquele exato instante ela sorriu olhando de volta para mim; tinha acabado de desligar o celular. Com rapidez, escondi a esfera no bolso da minha calça. Eu não deveria esconder nada da mamãe, mas talvez fosse mais sensato pensar melhor sobre o assunto antes de dizer algo a respeito. E, além disso, uma simples bolinha dourada não poderia causar mal nenhum.